

Cem anos de existencialismo

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

Há, na geografia física, sentimental, telúrica, política, literária, espaços que ficam e demarcam instantes que, por seu turno, fazem e gravam momentos históricos.

Leitor de Jean-Paul Sartre, quando fui visitar Paris pela primeira vez – e já faz bastante tempo – elegi, como meta fundamental, conhecer o chão sagrado de Saint-Germain-des-Prés, o território do existencialismo, e, obviamente, laboratório de propagação de sua filosofia, onde o festejado autor de *A Náusea* lançou, para o mundo, a teoria do existencialismo.

Depois, os três cafés que simbolizam aquela revolução – o Flore, o Deux Magots e o Lipp – são testemunhas vivenciais dos postulados e princípios defendidos por Sartre e sua companheira, a escritora Simone de Beauvoir, nas suas pregações doutrinárias.

É verdade, igualmente, que além desses três cafés – o Flore, o Deux Magots e o Lipp – o universo literário de Jean-Paul Sartre fazia escola no desenho urbano de ruas, cafés, bares, praças, refletindo a emoção que vinha de tais ambientes.

Assim, é marcante a cena central vivida no O Coupole, café situado em Montparnasse, e narrada em *Erostrato* (de *O Muro*), quando o personagem-chave, imbuído de sinistro plano, janta pela última vez, antes de disparar a ermo e, depois, comete suicídio.

Aqui, repita-se, nesta cena, o cerne do discurso existencialista.

O seu atestado de maioridade literária.

De fato, todo o seu movimentado e controvertido existir foi um escancarado compromisso com o exótico.

Para tanto, sem dúvida, nada mais definidor do que a sua antológica sentença de que “o inferno são os outros”.

Era, inelutavelmente, o inafastável respeito à liberdade individual, absoluta e inalienável.

Razão, pois, tem Gilles Lapouge quando observa que ele foi “um ideólogo absurdo, passando do companheirismo com a detestável União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ao detestável culto de Mao Tsé-Tung e ao indefensável castrismo, para acabar na neblina amável e indisciplinada de maio de 1988”.

Lembram-se muitos daqueles episódios que colocaram em risco a democracia da França, ante a força provocadora e revolucionária da proclamação de que “é proibido proibir”.

Com efeito, slogan saído do espírito oposicionista do autor de *Critica da Razão Dialética*, que se transformou em régua e compasso daquelas barricadas estudantis.

Pois bem, este homem, filósofo e contestador do mundo, completaria, se vivo fosse, cem anos de vida, no dia 21 de junho passado.

Aliás, cem anos de desafio existencialista.

Um dia, um seu patrício, Charles De Gaulle, com consciente soberba e auto-afirmação, disse que “a história tem seus momentos e eu sou um deles”.

Por Sartre, igualmente, por justiça, muitos dirão, à maneira do estadista francês, que ele foi, também, um dos mais respeitados momentos da história.